

CORPOS QUE NÃO SE CONFORMAM: PERFORMANCE E INTERSECCIONALIDADE NA MARCHA DAS VADIAS

Kelly Yara de Souza Mendonça
 Marcielly Cristina Moresco
 Maria Rita de Assis César

Resumo: Durante a mobilização de rua intitulada Marcha das Vadias, os atos interseccionais exibem corpos que performatizam e simbolizam a discussão sobre as violências contra as mulheres, indo além de questões sobre roupa, envolvendo pautas como sexualidades e autonomia sobre o corpo. Busca-se com este artigo reunir reflexões sobre os mecanismos de funcionamento desse tipo de protesto coletivo, considerando as subjetivações e interseccionalidades estratégicas adotadas como reação e denúncia das violências sofridas pelas mulheres e pessoas LGBTI. Para isso, destacam-se as performatividades incorporadas e interseccionais realizadas durante a Marcha das Vadias de Curitiba/Brasil como princípios organizadores e reformuladores da lógica identitária do feminismo contemporâneo.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Marcha das Vadias, feminismo, performance.

Cuerpos que no se conforman: performance e interseccionalidad en la Marcha de las Putas

Resumen: Durante la movilización callejera titulada Marcha de las Putas, los actos interseccionales exhiben cuerpos que representan y simbolizan la discusión sobre la violencia contra la mujer, superando los temas de la vestimenta, con orientaciones como la sexualidad y la autonomía sobre el cuerpo. Este artículo pretende reunir reflexiones sobre los mecanismos de operación de este tipo de protesta colectiva, considerando la interseccionalidad estratégica y la subjetividad adoptada como reacción y denuncia de la violencia sufrida por las mujeres y las personas LGBTI. Por lo tanto, se destacan las performatividades incorporadas e interseccionales realizadas durante la Marcha de las Putas de Curitiba/Brasil como principios organizadores y reformuladores de la lógica identitaria del feminismo contemporáneo.

Palabras clave: Interseccionalidad, Marcha de las Putas, feminismo, performance.

Non-conforming bodies: performance and intersectionality in the slutwalk

Abstract: During the street mobilization entitled Slutwalk, intersectional acts exhibit bodies that perform and symbolize the discussion about violence against women, going beyond issues about clothing, involving guidelines such as sexualities and autonomy over the body. This paper seeks to gather reflections on the mechanisms of operation of this type of collective protest, considering the strategic intersectionality and subjectivity adopted as a reaction and denouncement of the violence suffered by women and LGBTI people. Therefore, the interventions and corporal practices performed during the Slutwalk Curitiba/Brazil stand out as a performance that presents, in a remarkable way, intersectionality as organizing principle at the same time, reformulating the contemporary feminism identitarian logic.

Keywords: Intersectionality, Slutwalk, feminism, performance.

Introdução

A Marcha das Vadias é um movimento característico do feminismo contemporâneo que ganhou a atenção pública pelo uso recorrente do corpo feminino em diferentes práticas ativistas de caráter transgressor. As demandas, pautas e estratégias dessa mobilização tensionam debates fundamentais na dinâmica do feminismo. O presente artigo não busca resolver essas questões mas explorar aspectos relevantes dessa tensão e como se manifesta na Marcha das Vadias de Curitiba. A primeira *Slutwalk* foi realizada em abril de 2011, em Toronto, no Canadá, como reação de resistência e contraconduta ao discurso de culpabilização da vítima em casos de agressão sexual¹. Diferentes grupos de mulheres,

em diferentes países e contextos, se identificaram com a causa e, incentivadas pela difusão via internet, organizaram marchas locais. O coletivo que é autônomo, descentralizado e horizontal se mobiliza por meio da internet, assim também como utiliza desse meio para sua organização e repercussão².

No Brasil, a Marcha das Vadias passa a acontecer em várias capitais também em 2011³. Nos anos seguintes, pautas locais e outros debates feministas foram incluídos na pauta das mobilizações, marcadas pela descentralidade na organização e pela pluralidade. O feminismo no qual se baseiam nem sempre é o mesmo, mas são similares quanto a utilização de estratégias ativistas que operam através do corpo. A *Slutwalk*/Marcha das Vadias evidenciou o debate sobre a cultura do estupro na arena pública, além de atualizar antigas questões do feminismo e acrescentar novas demandas. A discussão sobre a autonomia da mulher proposta pelos cartazes, gritos, frases no corpo, e pela nudez, traz ao debate público questões sobre o direito ao corpo e às sexualidades, a luta contra a violência doméstica e outras formas de violência contra a mulher, a legalização do aborto, a regulamentação da prostituição, a livre expressão de identidades e relações que contestam a heteronormatividade, entre outras discussões.

Durante essa mobilização de rua, os corpos femininos simbolizam o debate sobre a sexualidade e a decisão sobre o próprio corpo. O corpo é tomado como lugar de múltiplas inscrições; matéria de sujeição e de violências. Algumas mulheres exibem uma nudez, geralmente parcial, outras, com lingerie e roupas provocativas, remetendo ao termo “*vadia*”. Os corpos buscam representar o que tornou-se o lema do movimento: “*Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias*”, ou seja, se utiliza do inverso do raciocínio patriarcal que culpabiliza a mulher pelas violências que sofre. Como parte de sua estratégia de denúncia, o grupo propõe deslocar os sentidos desse e outros termos pejorativos, especialmente aqueles relacionados à sexualidade.

As diferentes Marchas das Vadias convergem quanto às críticas recebidas, levantando polêmicas sobre a intenção de ressignificar um termo de denominação pejorativa e carregado de preconceitos, como *slut/vadia*, e sobre as formas de atuação e exposição do corpo. Além dessas questões, a problemática em torno da representatividade fez com que vários coletivos que organizam as marchas, em âmbito nacional e internacional, reconsiderassem suas pautas, especialmente quanto à presença e atenção às mulheres negras e mulheres transexuais. A partir de 2013, o debate se intensificou e os grupos que renovaram suas pautas conseguiram se manter ativos. No Brasil, essa discussão reflete reformulações sobre identidade no feminismo contemporâneo, marcado pela pluralidade étnica-racial e sexual.

Neste artigo, propõe-se reunir reflexões sociológicas e pós-estruturalistas sobre os mecanismos de funcionamento desse tipo de protesto coletivo, considerando as subjetivações e interseccionalidades estratégicas adotadas como reação para as violências cotidianas sofridas por grupos minoritários, especialmente mulheres negras e mulheres Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais (LBTI). Inicialmente, apresentamos o conceito de interseccionalidade e a ideia de performatividade incorporada no contexto de mobilizações contemporâneas. Em seguida, analisamos alguns exemplos de atos interseccionais, que surgem como extensão dos debates feministas, e suas potencialidades.

A discussão proposta tem como base pesquisa etnográfica resultante da observação participante e registro fotográfico da Marcha das Vadias de Curitiba, entre 2014 e 2016⁴. Na observação participante, utiliza-se a metodologia de inserção do pesquisador no grupo como parte ativa e não mero observador, mantendo distanciamento necessário que possibilite análise científica (MINAYO, 1999). A partir da inserção, foi realizado acompanhamento nas reuniões de organização no mesmo período e entrevista com parte do grupo organizador, bem como foram analisados cartazes e *banners* virtuais divulgados na internet⁵. Nesse contexto de pesquisa, a Marcha das Vadias de Curitiba foi lida enquanto performance, destacando intervenções e práticas corporais realizadas durante a manifestação pública. Essa Marcha apresenta de forma marcante a interseccionalidade como princípio organizador tanto das pautas defendidas quanto da formulação do próprio evento de rua, orientando a expressão dos corpos e atos encenados.

Interseccionalidade e performance incorporada

Assim como a maior parte das marchas nacionais, o primeiro evento em Curitiba ocorreu em 2011, organizado por um coletivo de jovens artistas e universitárias. Como modelo desse novo tipo de associativismo, essa marcha rejeita bases sindicais e partidárias, constrói um caráter autônomo e independente, é plural em suas pautas, preza pela horizontalidade e se organiza, sobretudo, pela comunicação digital online. A partir dos anos 2000, essas ações coletivas e novas associações retiram do eixo direcionador os pressupostos político e ideológico – tão presente na década de 1970 e 1980 – e passam a focar nos vínculos sociais e comunitários, sendo eles organizados de acordo com cor, etnia/raça, idade, gênero, habilidades e capacidades humanas, compondo uma espécie de associativismo brasileiro (GOHN, 2013). Segundo a organização local, além desses aspectos, a presença de mulheres artistas desde o início da Marcha foi essencial na escolha das estratégias utilizadas, como o destaque que os atos ganharam no trajeto de rua, por exemplo.

O discurso interseccional orientou essas estratégias desde o princípio, contudo, tornou-se mais evidente em 2013. Em resposta às críticas feitas pelo Movimento de Mulheres Negras divulgadas em uma carta nacional, a Marcha das Vadias de Curitiba apresentou um manifesto das mulheres negras de Curitiba⁶ e passou a se posicionar com mais força nesse debate. As mulheres LGBTI também ganharam espaço de expressão na valorização de corpos plurais e no reconhecimento de violências específicas. Algumas frases publicadas no mesmo ano em *banners* virtuais apresentavam esse teor: “*Lutamos por um feminismo sem racismo*”, “*Lutar contra o racismo também é feminismo*”, “*Contra o modelo hipócrita de mulher branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar*”, “*Lutamos por um feminismo sem homofobia/transfobia/bifobia/lesbofobia*”⁷.

A interseccionalidade percebe que a experiência das mulheres não é uniforme e que a dominação masculina não é a única relação de poder que coloca as mulheres em situação de submissão (MIGUEL; BIROLI, 2014). Oliveira (2017) relembra em sua tese que são as feministas negras dos Estados Unidos, por volta de 1970 a iniciarem a problematização do universalismo dentro do movimento feminista, contestando a representação branca, heteronormativa e de classe média que majoritariamente ocupavam a cena feminista na época. Essa problematização da hegemonia branca e as desigualdades entre mulheres brancas e negras aponta para o início de uma luta baseada na

interseccionalidade, isto é, na articulação da problematização e compreensão da existência de diversos e distintos modos de dominação, opressões e desigualdades ocasionadas por marcadores não só regulados pelo gênero, mas também pela sexualidade, raça/etnia, classe social, religião, idade, nacionalidade, entre outros. O termo “interseccionalidade”, designando a inter-relação das relações de poder especialmente de etnia/raça, gênero e classe, foi utilizado originalmente por Kimberlé Crenshaw, continua Oliveira (2017), buscando capturar os efeitos e as práticas interativas entre marcadores de subordinação.

O caráter interseccional foi um importante demarcador, sobretudo, para o feminismo da segunda onda (década de 1960-70), pois trouxe demandas específicas de classe e raça para o então feminismo “branco”. Mais tarde, à estas demandas, reuniu-se gênero, sexualidade, religião, deficiência, geração, nacionalidade, entre outros.

Ao generalizar situações de violência entre as mulheres, a Marcha das Vadias deixava de reconhecer as diferenças, assim como outros movimentos sociais, especialmente feministas. Esse trabalho intenso para que haja um vínculo comum entre todas as mulheres promove o desaparecimento, principalmente, dos marcadores raça e classe nas diferentes opressões e situações de privilégios. Para Bell Hooks (2015, p. 195), as mulheres brancas que formulam e governam o discurso feminista ocidental “raramente questionam se sua perspectiva sobre a realidade da mulher se aplica às experiências de vida das mulheres”. Ou seja, não reconhecem a supremacia branca e de classe média do movimento e não consideram as influências e impactos classistas, racistas, sexistas (Hooks, 2015) e sexuais. Por outro lado, a partir desse aspecto agregador, Jasbir Puar (2011) traz à reflexão como essa interseccionalidade re-situada esvaziou o conceito e a expressão de reivindicação interseccional que, inicialmente, eram das mulheres negras. A autora sugere como, dessa forma, a interseccionalidade se torna um paradigma poroso e influenciável.

O caráter interseccional proposto por algumas Marchas surge como reação às críticas sobre a falta de representatividade direcionadas às *Slutwalks* iniciais. Outras polêmicas também foram levantadas entre as feministas. Por um lado, defende-se que as Marchas conseguiram chamar atenção para a questão do estupro e da culpabilização da vítima utilizando recursos mais dramáticos e impactantes; por outro, essas estratégias são recebidas como puro narcisismo, reforçando a objetificação do corpo da mulher; além de ser elitista, branca e heterossexual, ignorando outros grupos de mulheres que sofrem formas diversas de violência (O’KEEFE, 2011; BORAH; NANDI, 2012).

No Brasil, críticas do feminismo apontaram a falta de discussão sobre a questão racial e a problematização do feminismo hegemônico branco/elitista; e a inclusão de mulheres transexuais na pauta provocou distensões por não ser aceita pelas participantes que se inserem no “feminismo radical”⁸. Vale ressaltar que esse feminismo radical emergente nos movimentos contemporâneos precisa ser entendido como um anacronismo da vertente em sua fase inicial, da década de 1960, uma vez que neste período a bandeira levantada era a da diferença sexual entre homens e mulheres como principal formadora das desigualdades entre ambos. Entretanto, as discussões sobre transexualidade ainda não eram pauta naquele espaço, assim como os debates interseccionais sobre gênero e sexualidade só foram inseridos mais tarde, com a chegada da teoria *queer*⁹ (LANGNOR, 2017).

Questões sobre gênero e sexualidade, como mulheres LGBTI, prostituição e pornografia, voltam

a desestabilizar o debate. Essas disputas também constituem o corpo político e sua expressão, fator essencial na reivindicação por direitos e no combate à opressão.

o feminismo e o movimento *queer* atuam na disputa político/ ideológica/empírica acerca das configurações corporais, utilizando o próprio corpo como plataforma, constituindo um “corpo político”, um corpo agente na esfera pública e política. Nesse sentido, as Marchas das Vadias tem como característica primordial a configuração e o uso do corpo como plataforma de suas reivindicações (HELENE, 2014, p. 74-75).

Ao priorizar o discurso interseccional, principalmente entre raça, classe, gênero e sexualidade, a Marcha das Vadias passa a reivindicar identidades não hegemônicas, uma diferença relevante em relação aos feminismos de décadas anteriores, apontam Gomes e Sorj (2014). A diversidade e pluralidade passam a caracterizar o próprio sujeito político do feminismo, que não mais se define por uma identidade sexual e biológica, exclusivamente. Ao se posicionarem no feminismo interseccional e liberal, há uma tentativa de alargamento da identidade comum feminista, afirmam as autoras, mobilizando marcadores de diferença.¹⁰

Quando utilizam o marcador identitário nas suas reivindicações, o fazem como uma estratégia política e de performance no contexto dos discursos e atos de resistência nas vias públicas. Em outras palavras, essa performance não tem a finalidade de obter conquistas jurídicas e de parceria com o Estado, mas denunciar as violências e preconceitos sob forma do deboche e da ridicularização dessas práticas, apresentando novas formas de viver e agir politicamente, não baseadas em identidades essencialistas, diferenciando-se dos movimentos tradicionais de orientação identitária (DUARTE, 2016). A noção de identidade é pouco aplicada no discurso, porém se faz presente nas performances efêmeras.

as e os participantes dos novos coletivos autônomos, como a Marcha das Vadias, raramente empregam a noção de identidade, e quando o fazem não a entendem como um marcador visando definir e qualificar um determinado sujeito em busca de reconhecimento jurídico ou interpessoal. Por outro lado, quando este coletivo recorre à noções identitárias ele o faz de maneira estratégica e performativa, ou seja, no contexto preciso de discursos e atos de resistência públicos, os quais visam não apenas a obtenção de certas conquistas jurídicas, mas também, e sobretudo, a multiplicação de novas formas de amizade e de relação, novas formas de viver politicamente, não fundadas em identidades essencialistas (DUARTE; CÉSAR, 2014, p. 402).

Na Marcha das Vadias de Curitiba, ao mesmo tempo em que há uma diluição da noção de identidade, ao comportar vários e diferentes grupos nas suas pautas e nos eventos, há uma demanda por reconhecimento feita pelos próprios grupos, interna e externamente. Há uma tentativa de reconhecimento num lugar que não reclama uma identidade única mas concede espaço para manifestações e performances de caráter identitário. Dessa forma, reconhece a fluidez das identidades e o princípio de autoafirmação como norteador da resistência política e primordial para suscitar o sentimento de pertencimento dos participantes. Também reconhece aqueles que não se deixam categorizar, os corpos “*que não se conformam, que resistem, que não se deixam capturar*”, “*corpos inconformados, indignados, Vadias*”, que resistem “*aos modelos de assimilação*”. Esse posicionamento remete à teoria *queer*, que desconstrói categorias revelando a instabilidade das identidades sexuais ou

de gênero. Essas identidades construídas socialmente também podem ser contestadas, interrompidas, reconstruídas de forma a desafiar e subverter as estruturas dominantes (BENTO, 2014).

Figura 1: Cartaz de Divulgação (Curitiba, 2013)



Fonte: Marcha das Vadias de Curitiba¹¹

Como características de mobilizações e protestos atuais, analisa Gohn (2013), destacam-se a utilização de pedagogias alternativas através de encenações e representações visuais para atrair tanto apoiadores quanto a própria mídia. Na Marcha, acionam mecanismos como a paródia, o riso, o deboche, numa ação que mescla o carnavalesco e o combativo, considerando o corpo como centralidade da manifestação desses mecanismos. Nesse contexto, Gomes e Sorj (2014) apontam o duplo papel do corpo nessa mobilização: são o objeto da reivindicação e, ao mesmo tempo, o instrumento de protesto. É um corpo-bandeira, afirmam, em menção a um corpo que é estandarte e, ao mesmo tempo, incumbido da função de carregar o lema.

A performance política da Marcha das Vadias de Curitiba, particularmente, explora elementos artísticos, como encenações, dança, música, poesia, através de estratégias corporais provocativas, para transmitir e reforçar sua mensagem. O grupo justifica essa forma de atuação: “Nossos *polêmicos corpos à mostra escancaram a busca pelo fim da opressão. Chocamos a população? Sim. Esse é o nosso propósito*”.¹² Além dos corpos adornados, pintados e exibidos, o discurso defendido pela Marcha se expressa também em cartazes e frases escritas no corpo: “*Quero ser livre para ser quem eu quiser*”, “*Não tente impor seus padrões em mim*”, “*Isso não é um convite!*”, “*Meu corpo, minha resistência*”. E nos gritos de escraço: “*Eu beijo/chupo homem, beijo/chupo mulher, tenho direito de beijar/chupar quem eu quiser*”, “*ica, ica, ica, eu adoro siririca*”, “*Ei, machista, gozar é uma delícia*”.

Essas ideias de libertação sexual, nos gritos e cartazes, têm seu reforço na nudez. A presença da nudez feminina e suas representações no ativismo feminista das últimas décadas reflete uma ressignificação e reterritorialização do corpo feminino (CÉSAR, 2015). A exposição de corpos nus no

espaço público é parte de uma performance que sugere deslocamentos. César reitera que na Marcha das Vadias, o corpo feminino produz um “outro lugar” por estar fora de espaços normativos como a moda, a pornografia ou a propaganda. Exposto nas ruas, “fora de contexto”, assume uma atitude política feminista e concede teor político aos espaços de sua exposição. Mais relevante que a nudez, que é pontual nas marchas mas acaba tornando-se o foco nas mídias, é a própria presença de corpos reunidos em protesto no espaço público e seus significados potentes.

Em obras recentes, a filósofa Judith Butler (2013, 2015) discute a performatividade da ação política como reação ao contexto de precariedade no qual inserem-se os corpos que não se conformam às normas¹³. Nessa performatividade incorporada (*embodied performativity*), o corpo emerge como instrumento da ação, com demandas que só podem ser ativadas por corpos que se colocam em ação política. Mulheres, transexuais, pobres, minorias religiosas e raciais são unidos pela noção de precariedade, expressão que ultrapassa a questão identitária e refere-se às condições sociais e econômicas de vida, que marcam em seus corpos as condições estruturais de sua existência. Butler relaciona precariedade e normas de gênero, uma vez que os corpos que não se conformam à essas normas estão mais sujeitos à violência, patologização, assédio e exclusão, e sujeitos à uma regulação sobre a possibilidade ou não de aparecer. Reunir-se publicamente nesse contexto torna-se um meio de reclamar a possibilidade de reconhecimento, de denunciar a “condição de precariedade”, que por sua vez é compreendida pela filósofa como aquilo que designa a condição política de certas populações que sofrem de falhas sociais e econômicas mais do que outras, e são expostas de modos diferentes à lesões, violências e morte (BUTLER, 2015).

Segundo Butler (2013), a performatividade tem lugar quando essas populações precárias e que não importam passam a “aparecer”, ou seja, exercer o direito à existência (*right to appear*) e produzindo um sujeito político. A performatividade, afirma, “nomeia a prática não autorizada do direito à existência que impulsiona os sujeitos precários à vida política” (BUTLER, p. 101, 2013). Toda reunião pública produz efeitos performativos, pois se coloca como instância de demarcação de autorrepresentação. Essas performatividades incorporadas criam uma relação entre os corpos e o espaço, criando uma zona visível (BUTLER, 2015).

Ao mencionar as *Slutwalks*, como forma de manifestação e denúncia de corpos precários, Butler considera que ao recusar rótulos e reclamar a liberdade de andar na rua sem medo da violência, o grupo demanda uma dupla performatividade: corporal e política. Demonstrem que a vulnerabilidade e a resistência são passíveis de coexistir na experiência das mulheres e podem ser expressas de forma potente em ações coletivas. A ação de “aparecer”, a exposição, é a atuação; o “estar lá” de forma cooperativa é a própria ação. Nesse processo, resumem em seus corpos a questão chave da performatividade política: o conflito com a norma. O corpo é considerado como o terreno da luta e da precariedade, o que está em reivindicação e o meio pelo qual a luta é expressa. Por isso, reitera Butler, as demandas feitas em nome do corpo devem ter lugar no e através do corpo. A principal questão ultrapassa considerar o corpo como mero suporte político mas considerar a pluralidade dos corpos como base de todas as reivindicações políticas futuras.

Os corpos que resistem aos “modelos de assimilação” presentes na Marcha das Vadias, são corpos vulneráveis, excluídos, alguns requerem uma identidade, enquanto outros transitam em várias

ou mesmo negam uma classificação. No caso de mulheres, no contexto brasileiro de violência, são corpos precários. No caso de mulheres transexuais ou de mulheres negras, são corpos precários com alto grau de vulnerabilidade¹⁴. Nesse contexto, a insistência em aparecer em espaços públicos de forma transgressora, ganha uma outra dimensão. Motivados pela precariedade, esses corpos acionam emoção e memória em atos de performance.

Atos interseccionais: expressão, reivindicação e subversão de identidades

Os atos são estratégias ativistas que compõem a performance política expressa na Marcha das Vadias de Curitiba. O corpo comunica através da atuação ensaiada, no sentido nitidamente teatral, e na atuação presente na postura, nos gestos, na exposição do corpo, em outros momentos da Marcha. Corpos e atos estão imbricados na criação de significados. As estratégias corporais utilizam e compõem um repertório, um conjunto de práticas encenadas, reencenadas e atualizadas em diferentes contextos (MENDONÇA, 2017).

Em Curitiba, os atos são propostos com roteiro e cenário pensados, com lugar e função a serem ocupados pelos corpos, voltados à encenação teatral. São formulados pelo grupo organizador ou por alguma pessoa ou coletivo indicado¹⁵. Vários deles são realizados ao longo do trajeto pelas ruas e praças. Encenados por participantes, não há um roteiro rígido e o improvisado é parte da atuação, com propostas de atos sugeridos durante o percurso ou com a inserção do público na encenação.

Durante as reuniões, repercutindo numa fala coletiva, os atos resultam da intenção de "*pensar em novas formas de chocar a sociedade*", com ênfase nas ações de "*afrontar*", "*chocar*", "*provocar*". Os atos se apresentam como uma solução pedagógica na falta de estrutura e investimento; são utilizados com o intuito de provocar emoções, de usar a imaginação, o lúdico, para ensinar ou elucidar aspectos referentes à causa defendida, mobilizando sentimentos e significados. O ato deve conduzir à reflexão. O espírito debochado e impactante que conduz as ideias por trás da Marcha é considerado um diferencial em relação à outras manifestações:

uma coisa que eu gosto da Marcha é porque ela é debochada, se você for parar pra ver, a gente é muito debochada, a gente é muito, sabe, e quando essa questão do deboche parece que acaba sendo muito mais impactante do que, por exemplo, fazer uma questão quadradinha. Tava pensando até, ah, os outros coletivos, tem as marchas e tal, primavera feminista, só que daí você junta aquele montoeiro de gente, vai cantando palavra de ordem, daí acaba, todo mundo se dissipa, o que você leva, "ah, foi um momento de união", beleza, mas além desse momento de união, quê mais? A Marcha ela dá um baque na tua cabeça, desde a primeira vez que você vai na Marcha, parece que ela modifica, você começa a pensar o tempo inteiro. [...] a pessoa para pra pensar, "poxa, aquilo que eu passei, realmente foi uma violência e ninguém nunca me falou". Entendeu? (Flah. Entrevista publicada em MENDONÇA, 2017).

A mensagem transmitida através da performance reforça a maneira como a ação coletiva está organizada e como se expressa, ao mesmo tempo que influencia a elaboração das interpretações da ação pelos participantes e público em geral. Vale ressaltar, no entanto, que o "impacto" pretendido é mais efetivo quando há alinhamento com as pautas propostas. Com isso, surge uma problemática: atos considerados mais "*radicais*", relacionados à legalização do aborto e/ou realizados em frente à igreja, por exemplo, tendem a causar confusão tanto para alguns participantes quanto para quem está fora mas também se constitui como público. Ou seja, o efeito desencadeado tende a ser reverso pois nem

todo ato será interpretado como desejado, podendo ocorrer, inclusive, o reforço de ideias contrárias ao movimento.

Contudo, a ideia de mobilizar emoções coletivas, sejam elas de comoção, apoio ou revolta, é fundamental no processo de gerar uma comunidade temporária e alinhar ou tensionar os significados. Em seu caráter coletivo, movimentos e mobilizações se apresentam como espaços onde emoções são criadas e reforçadas, perpassando corpo, interação e performance, destaca James Jasper (1998). Jasper coloca as emoções no centro do debate para compreender a coletividade da vida social e sua relação com os esforços para mudar aspectos da sociedade através de movimentos sociais. As emoções estão envolvidas na solidariedade, na atuação, nas decisões, mas sem que isso torne a ação irracional ou esvaziada de sentido político. Durante a Marcha das Vadias, expressar emoções em ações performáticas colabora com a criação de emoções compartilhadas pelo grupo de participantes, fundamentais na sua manutenção. Nessa manifestação, o corpo é um canal que externaliza raiva, orgulho, entusiasmo, indignação, compaixão. As emoções negativas são especialmente consideradas, pois motivam a luta e ajudam a manter a postura combativa. Geralmente, essas emoções negativas estão ligadas às experiências vivenciadas pelas participantes. Seus corpos são depositário de memórias que inspiram a atuação através da performance.

A noção de performance aqui compreendida ultrapassa a expressão de ações e práticas corporais. Em fenômenos contemporâneos, a performance tomou rumos políticos e sociais, misturou-se ao teatro e às manifestações de rua, sendo incorporada como discurso e prática ativista. Fundamentada na discussão proposta por Diana Taylor (2016, p. 39), no âmbito dos Estudos da Performance¹⁶, performance “é prática e epistemologia, um fazer criativo e uma lente metodológica, uma forma de transmitir memória e identidade, e uma forma de compreensão do mundo”¹⁷. Taylor propõe que, através das práticas corporais somadas à outras práticas e discursos, a performance transmite conhecimento por meio do corpo. Nessa abordagem, performance compreende *atos de transferência*, que transmitem conhecimento social, memória e uma noção de identidade através das ações reiteradas.

Cada performance é efêmera e, paradoxalmente, de longa duração, pela continuidade e extensão de seus efeitos. Ao expressar e demarcar determinadas identidades sexuais e étnico-raciais, por exemplo, com palavras de auto identificação em seus corpos, como “*Gay Livre*”, “*Sapatão*”, “*Trans*”, “*Mulher negra*”, “*Índia*”, “*Mulher latina*”, “*Mulheres asiáticas...*”, as palavras que integram a performance expressa pelos corpos, transmitem saberes e memória ao reivindicarem reconhecimento e denunciarem violências (Imagem 1 e 2).

Imagem 1: Corpo trans (Marcha das Vadias Curitiba, 2016)



Fonte: Dados da pesquisa¹⁸

Imagem 2: Corpo sapatão (Marcha das Vadias Curitiba, 2016)



Fonte: Dados da pesquisa

Durante a Marcha das Vadias de Curitiba, a diversidade é constantemente lembrada e tensionada. Mulheres negras e mulheres LGBTI protagonizam atos de autorrepresentação e valorização. Em 2016, o ato das mulheres negras foi realizado em frente à fonte-estátua da “Maria Lata D’Água”, na região central da cidade e atrás de um dos pontos turísticos – o Paço da Liberdade. A escultura em frente ao espelho d’água apresenta uma mulher forte, com traços negróides, carregando uma lata na cabeça¹⁹. O grupo de participantes se posicionou em roda e as mulheres negras presentes foram convidadas ao centro. Comparado à quantidade de participantes, o número que compõe esse grupo é minoritário. Semblante sério e gesto de luta e resistência – braços erguidos e punhos cerrados – enquanto acompanhavam a leitura feita por outra mulher negra (Imagem 3).

nasci negra / Mulher e negra / Da pele negra / Da boca negra / Da cabeça negra / Toda negra / Mas não me vi / Cresci negra / Não me reconheci / Aí ouvi "Negra!" / Então senti / Pro seu desespero / Sorri / Ostentação de dentes/ De quem mesmo sofrida abre o coração e a mente / Sigo meus dias quebrando correntes.

O texto segue falando sobre estupro, violência policial, racismo institucional e o vínculo entre mulheres negras. Questões que perpassam o corpo dessas mulheres, da violência física, ideológica até o cuidado. O silêncio e a emoção tomam conta. Num discurso improvisado, uma das jovens negras fala sobre as mulheres brancas se colocarem no lugar das mulheres negras e canta o trecho de uma canção que, entre outras questões, aponta uma crítica similar àquela que originou o feminismo interseccional: “*Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo / As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo*”²⁰. Tanto participantes quanto o grupo da organização apontaram esse ato como o mais emocionante daquele ano.

Esses atos, geralmente, rememoram nomes do movimento negro, nomes de vítimas de violência e enfatizam o reconhecimento de uma violência coletiva. Ao relacionar nomes e situações às emoções expressas na postura, no tom de voz, e acionar um sentimento comum às mulheres negras, os atos mostram-se efetivos no compartilhar de memórias e experiências.

Imagem 3: Ato mulheres negras (Marcha das Vadias Curitiba, 2016)



Fonte: Dados da pesquisa

No ano anterior, o ato foi realizado em frente à Catedral Metropolitana de Curitiba (Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz), localizada na Praça Tiradentes, região central de Curitiba. Quatro jovens negras, cobertas por um tecido branco, simbolicamente se libertavam dos padrões hegemônicos de branquitude ao rasgarem e se livrarem do tecido que as cobria. Entoavam gritos de valorização de sua cor e sua história. Ao final, o abraço coletivo (Imagem 4 e 5). Nessa hora, a rigidez dos corpos dá lugar ao cuidado e à empatia. O olhar duro se desfaz e o sorriso aparece. Os abraços são manifestações constantes nos momentos mais emocionantes, naqueles que narram tristezas, dilemas, violências, ou que incentivam a luta e a resistência. Abraços não apenas encerram atos.

Potencializam discursos de identidade e comunidade, reforçando o sentimento de pertencimento necessários para a luta proposta. Para mulheres negras e mulheres LGBTI, historicamente excluídas, é um momento de se reconhecer como parte de uma luta maior que agrega outras mulheres que compartilham a realidade de exclusão e violência.

Imagem 4: Ato mulheres negras (Marcha das Vadias Curitiba, 2015)



Fonte: Dados da pesquisa

Imagem 5: Ato mulheres negras (Marcha das Vadias Curitiba, 2015)



Fonte: Dados da pesquisa

Em outro ato interseccional, em 2015, o destaque foi para pessoas trans. Um tapete vermelho foi estendido no movimentado calçadão da Rua XV de Novembro, no centro da capital paranaense, para o “desfile trans”. Criou-se um espaço aberto para manifestação e exposição de seus corpos. Invisibilizados no dia a dia, reivindicavam ali um espaço de valorização e reconhecimento. A presença

de seus corpos precários, reclamando o direito de aparecer, revelavam a reivindicação das pessoas transexuais: o reconhecimento social de sua condição humana (BENTO, 2014).

Imagem 6: Ato mulheres LGBTI (Marcha das Vadias Curitiba, 2016)



Fonte: Dados da pesquisa

Em 2016, a Marcha de Curitiba encerrou com o ato de mulheres LGBTI. Antes de iniciar o ato, composto por falas de uma representante de cada letra da sigla – lésbica, bissexual, transexual e intersexual, foi feito um convite para que essas mulheres ocupassem a “frente” da marcha, reunindo grande parte das participantes do evento. Nos discursos, mulheres lésbicas e bissexuais apontaram o preconceito e a fetichização de sua identidade sexual; mulheres trans denunciaram a violência sobre seus corpos e a hipocrisia que as mantém na prostituição; e a representante intersexual expôs a ignorância que ainda prejudica sua vivência. A fala de encerramento do ato repetiu, mais uma vez, a necessidade de reconhecimento das diferenças e identidades ali marcadas.

e este ato pelas Mulheres LGBTI é apenas uma representação de toda uma luta diária e, muitas vezes, invisível. Portanto, mais do que falar sobre visibilidade lésbica, bissexual, transexual e intersexuais, precisamos DAR visibilidade às lésbicas, às bissexuais, às trans e às intersexuais! Como mulheres LGBTI, buscamos maneiras de saltar e sobreviver às normas hétero e monossexuais impostas. Buscamos subversões. Somos subversivas. Somos lésbicas, bissexuais, transexuais e intersexuais. Somos vadias. Somos livres.

O espaço escolhido para o ato amplia o potencial dessa conversão e seus significados. O último ato e o encerramento foram realizados na Boca Maldita, região do centro da cidade conhecida como uma confraria para debate de assuntos contemporâneos, contudo, um reduto histórico e majoritariamente masculino. O público participante senta-se no chão, ocupando o espaço e realizando suas performances, geralmente sob a observação dos senhores que tradicionalmente frequentam o espaço. A escolha de locais ícones para os atos de protesto simbolizam “espaços que se relacionam com a manutenção da violência/domínio sobre o corpo feminino”, e exemplificam o diálogo proposto pelas Marchas entre seus corpos e os espaços urbanos (HELENE, 2014, p. 70). Se a presença feminina

não é bem-vinda na Boca Maldita, a provocação está na insistência dessas várias mulheres e seus corpos plurais no espaço público, confrontando o desprezo e o preconceito.

Com seus corpos na rua, reclamam para si esse e outros espaços e a possibilidade de transitar e viver livremente. Se no cotidiano essa realidade não é possível, se efetua através da performance, durante um ato de libertação ou durante um desfile. A performance emerge como espaço que propõe alternativas ao cotidiano, que permite diferentes formas de expressão, na medida em que corpos e declarações “não representam apenas “alguma coisa”, mas criam mundos possíveis, geram a transformação de subjetividades e de seus modos de sensibilidade” (MESQUITA, 2008, p. 42).

Como expressão do exercício do direito de aparecer, a reunião de corpos em protesto no espaço público torna-se uma forma de reclamar a possibilidade de reconhecimento, de denunciar a condição de precariedade e expressar o anseio por melhores condições de vida (BUTLER, 2015). O corpo que sofre com a precariedade e que motiva os protestos é, também, o corpo que se expõe. As disputas em torno do corpo da mulher, que envolve instituições, ideologias e discursos, pressionam os movimentos e coletivos a reformularem sua atuação e desenvolverem novas estratégias de impacto e de denúncia dessas precariedades. Como resultado, a Marcha das Vadias oferece um espaço de reunião de corpos de mulheres em protesto, subvertendo as representações dominantes e intensificando debates.

Notas

¹ Durante uma palestra sobre segurança em uma universidade de Toronto, um policial afirmou ao público que as jovens universitárias deveriam evitar se vestir como vadias/*slut* para não serem vítimas de estupro. Para saber mais ver *'Slutwalk' marches sparked by Toronto officer's remarks*. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-us-canada-13320785>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

² Site Slutwalk Toronto <https://slutwalkyyz.wixsite.com/slutwalkto> e página no Facebook: <https://www.facebook.com/SlutWalkToronto/>.

³ A Marcha foi realizada em mais de duzentas cidades. A maior parte adotou o nome *Slutwalk*. Nos países de língua espanhola foi traduzido para *Marcha de las putas*; em Portugal, *Marcha das Vagabundas* ou *Marcha das Galdérias*; no Brasil, *Marcha das Vadias*. No Brasil, entre 2011 e 2012, mais de 30 cidades, nas cinco regiões, realizaram marchas locais (mapeamento na internet).

⁴ O resultado da pesquisa e parte do material coletado compõem a dissertação de mestrado “Repertórios de transgressão: narrativas visuais e performance política na Marcha das Vadias”, ver referências.

⁵ Na página oficial da Marcha das Vadias de Curitiba no Facebook: <https://www.facebook.com/marchadasvadiascwb/> e no blog <https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/>

⁶ *Manifesto: Mulheres Negras de Curitiba*. Disponível em: <<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/manifestos/manifesto-mulheres-negras-de-curitiba/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

⁷ Postagens em imagens na Página oficial da Marcha das Vadias de Curitiba. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/marchadasvadiascwb/photos/?tab=album&album_id=124875297598715>. Acesso em: 09 ago. 2017.

⁸ Mudanças de posicionamento a partir dessas questões foram verificadas na Marcha das Vadias de Porto Alegre, em 2014; Marcha das Vadias de Goiânia, em 2014; Marcha das Vadias de Brasília, em 2015; Marcha das Vadias de São Paulo, 2015; entre outras (MENDONÇA, 2017).

⁹ Para Silva (1999) e Louro (2001), a teoria queer causa uma “reviravolta epistemológica” que se estende ao conhecimento e à identidade, e provoca e perturba as formas convencionais de pensar as sexualidades e identidades. Mais sobre teoria queer, pode-se consultar estes autores, pioneiros da teoria no Brasil.

¹⁰ Esse contexto resulta de um processo histórico em que o feminismo exerceu papel fundamental no processo de deslocamento, ou descentramento, das identidades. Segundo Stuart Hall (2006), ao questionar a distinção entre público e privado e incluir a formação das identidades sexuais e de gênero, o feminismo politizou a subjetividade,

bem como a identidade e o processo de identificação, reorientando a noção de identidades fixas e motivando mobilizações políticas.

¹¹ Arte de divulgação disponível na página da Marcha das Vadias de Curitiba no Facebook: <<https://www.facebook.com/124764304276481/photos/a.124875297598715.32445.124764304276481/470722283014013/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

¹² Trecho do texto explicativo: *Por que vadias?* Disponível em: <<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

¹³ O conceito de performatividade na obra de Butler atravessou diferentes contextos, perpassando o gênero (2003), a linguagem, e agora remete à ação política, sempre considerando o corpo. Deslocou-se de uma análise individual da performance para uma abordagem que considera a coletividade e sua atuação no espaço público. Utiliza como referência as mobilizações da Primavera Árabe e *Occupy*, além de outras menções mais pontuais, inclusive da *Slutwalk*.

¹⁴ A Agência Patrícia Galvão publicou dossiês com taxas de violências cometidas contra mulheres Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Travestis no Brasil, disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-contra-mulheres-lesbicas-bis-e-trans/>> e contra mulheres negras, disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/>>. Acesso em: 19 out. 2017.

¹⁵ Em 2016, um levantamento sobre o perfil da organização identificou que o grupo era composto por 6 mulheres e 1 homem, universitários, entre 21-29 anos, que se identificaram como gay (homem), lésbica (1 mulher) e bissexual (5 mulheres). Essa última característica, assim como a presença no ambiente acadêmico ser maior nos cursos das humanidades, repercute na militância e no posicionamento interseccional da Marcha local.

¹⁶ Os Estudos da Performance se estabelecem como área de estudo a partir de uma corrente dramatúrgica, na década de 1970, através de nomes como Turner, Goffman e Geertz, destacando os indivíduos como agentes em seus próprios dramas. Em seguida, Schechner passou a evidenciar a conexão existente entre *ritual* e *teatro*. Nas décadas de 1980-90, o debate considerado universalista, ocidentalizado e unidimensional dos anos anteriores foi contestado e o conceito foi ampliado para dar conta de outras situações e categorias de performance – artísticas, culturais, sociais, políticas – ultrapassando os limites da antropologia. Atualmente, se posiciona como uma área independente e interdisciplinar. (CARLSON, 2009; SCHECHNER, 2002) No Brasil, geralmente, se apresenta como uma linha ou corrente dentro de um departamento e ainda permanece com maior concentração dos estudos nas artes cênicas e antropologia.

¹⁷ Performance is a practice and an epistemology, a creative doing, a methodological lens, a way of transmitting memory and identity, and a way of understanding the world.” (TAYLOR, 2016, p. 39, em tradução livre).

¹⁸ As imagens resultantes da pesquisa etnográfica mencionada indicam parte do repertório utilizado nas mobilizações, destacando a centralidade do corpo. As fotografias foram registradas pela autora durante a Marcha das Vadias de Curitiba, entre os anos de 2014-2016.

¹⁹ A estátua é uma reprodução da obra “Água para o Morro”, de Erbo Stenzel (1944).

²⁰ Música: *Mulheres Negras* (Yzalú).

Referências

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2014.

BORAH, Rituparna; NANDI, Subhalakshmi. Reclaiming the feminist politics of 'Slutwalk'. *International Feminist Journal of Politics*, v. 14, n. 3, p. 415-421, set. 2012.

BUTLER, Judith. *Notes toward a performative theory of assembly*. Cambridge: Harvard University Press, 2015

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____; ATHANASIOU, Athena. *Dispossession: the performative in the political*. Cambridge, Malden: Polity Press, 2013.

CARLSON, Marvin. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Feminist heterotopias and “out of place” bodies: between politics and art. *Labrys Estudos Feministas*, Florianópolis, jan./jun. 2015. Disponível em <<http://www.labrys.net.br/labrys27/heterotopias/mariarita.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

DUARTE, André. Foucault e os coletivos políticos: novas formas de vida para além do sujeito identitário de direitos. In: RESENDE, Haroldo de (Org.). *Michel Foucault: Política – pensamento e ação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 35-50.

_____. CÉSAR, Maria Rita de Assis. Michel Foucault e as lutas políticas do presente. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 3, p. 401-414, jul./set. 2014.

GOHN, Maria da Glória. *Sociologia dos movimentos sociais*. São Paulo: Cortez, 2013.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, maio/ago. 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELENE, Diana. A Marcha das Vadias: o corpo da mulher e a cidade. *Redobra*, Salvador, n. 11, p. 68-79, 2014.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 16, p. 193-210, abr. 2015.

JASPER, James. The emotions of protest: affective and reactive emotions in and around social movements. *Sociological Forum*, v. 13, n. 3, p. 397-424, set. 1998.

LANGNOR, Carolina. *Novos feminismos: perspectivas sobre o movimento estudantil feminista na Universidade Federal do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flavia. *Feminismo e política*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MENDONÇA, Kelly. *Repertórios de transgressão: narrativas visuais e performance política na Marcha das Vadias*. 164f. Dissertação. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

MESQUITA, André Luis. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

O'KEEFE, Theresa. Flaunting our way to freedom? Slutwalks, gendered protest and feminist futures. *New Agendas in Social Movement Studies*, nov. 2011.

PUAR, Jasbir. I would rather be a cyborg than a goddess: Intersectionality, assemblage and affective politics. *European Institute for Progressive Cultural Policies (EIPCP)*, 2011.

SCHECHNER, Richard. *Performance studies: an introduction*. London, New York: Routledge, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TAYLOR, Diana. *Performance*. Durham/London: Duke University Press, 2016.

Recebido em: ago. 2017.

Aceito em: nov. 2017.

Kelly Yara de Souza Mendonça: Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Graduada em História com especialização em Antropologia Cultural. E-mail: nahistoria@gmail.com

Marcielly Cristina Moresco: Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: marciellymoresco@gmail.com

Maria Rita de Assis César: Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-Doutora em Filosofia Contemporânea na Universidade de Paris XII. Docente do Departamento de Teoria e Prática de Ensino - DTPEN/Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: mritacesar@yahoo.com.br